

Matthias Goerne

Maria João Pires



08 abr 25

08 abr 25 TERÇA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Matthias Goerne Barítono
Maria João Pires Piano

Franz Schubert

Winterreise / Viagem de Inverno, D. 911

Gute Nacht / Boa-noite

Die Wetterfahne / O cata-vento

Gefror'ne Tränen / Lágrimas geladas

Erstarrung / Torpor

Der Lindenbaum / A lília

Wasserflut / Inundação

Auf dem Flusse / À beira do rio

Rückblick / Olhar o passado

Irrlicht / Fogo-fátuo

Rast / Repouso

Frühlingstraum / Sonho de primavera

Einsamkeit / Solidão

Die Post / O correio

Der greise Kopf / A cabeça grisalha

Die Krähe / A gralha

Letzte Hoffnung / Última esperança

Im Dorfe / Na aldeia

Der stürmische Morgen / Manhã de tempestade

Täuschung / Ilusão

Der Wegweiser / O poste indicador

Das Wirtshaus / A estalagem

Mut! / Coragem!

Die Nebensonnen / Os parélios

Der Leiermann / O tocador de realejo

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 20 min.
CONCERTO SEM INTERVALO

Franz Schubert

(Viena, 1797 – Viena, 1828)

Winterreise / Viagem de Inverno, D. 911

COMPOSIÇÃO c. 1827

DURAÇÃO c. 1h 10 min.

Franz Schubert começou a compor *Lieder* por volta dos 15 anos de idade, tendo a sua produção chegado a cerca de 600 exemplares à data da sua morte prematura, em 1828, com 31 anos. Esse género do Romantismo germânico, onde poesia e música estão intrinsecamente ligadas e onde são explorados temas como o amor (por vezes perdido, trágico ou impossível), a morte e a angústia de viver, foi, pois, incontornável na vida e obra do compositor vienense.

No início de 1827, após um período de efervescência criativa, com edições e apresentações públicas das suas obras, Schubert vivia uma fase depressiva, possivelmente causada pelo avançar da sua doença, mas começava a trabalhar sobre poemas de Wilhelm Müller (1794-1827). Dizia aos amigos que esta nova obra o “tinha afetado mais do que qualquer uma das suas canções” e que se tratava de um “ciclo de *Lieder* horríficos”. Procurava sempre poesia propícia a ser musicada e encontrou-a, primeiro em Goethe, depois em Müller, seu contemporâneo, filologista, historiador e poeta com particular interesse por Lord Byron (escreveu a sua biografia). Müller já havia fornecido os textos do ciclo anterior, *A Bela Moleira* (*Die schöne Müllerin*), de 1823, embora aparentemente nunca se tenham encontrado.

Schubert debruçava-se desta vez sobre a coleção intitulada *Setenta e Sete Poemas dos papéis póstumos de um viajante trompista*, que aborda o tema da viagem, tão caro ao Romantismo alemão, com um carácter melancólico, repleto de *pathos*. *Viagem de Inverno* (*Winterreise*) é um conjunto de vinte e quatro poemas sombrios retirados desta coleção, cujas palavras parecem ter sido escritas para a música de Schubert.

Através de uma deambulação por paisagens inóspitas, o sujeito poético (o *Wanderer*) faz uma viagem pelo seu coração e pela sua alma, feridos com a lembrança de um amor perdido. É um jovem homem que ao ver a sua amada casar com outro, parte para evitar memórias dolorosas e reconciliar-se de alguma forma com a sua solidão. Ao longo do percurso através do frio e da escuridão do inverno, a sua dor atenua-se com mínimas réstias de esperança, que servem apenas para o fazer regressar à mais profunda melancolia.

Winterreise é uma sucessão de quadros e imagens, um catálogo de emoções e de situações, mais do que um enredo. O protagonista conversa com o seu próprio coração e oscila entre o mundo dos sonhos e a amarga realidade que enfrenta. Faz a sua viagem errante esperando que com ela termine também a sua existência.

As imagens ganham vida com as linhas vocais, mas sobretudo com a parte de piano. Embora relativamente austera (por vezes com poucas notas, como comentou Benjamin Britten), ilustra o texto e está cheia de estados de espírito e atmosferas. Schubert criou grandes expectativas aos seus amigos sobre a primeira apresentação privada de *Winterreise*, como relata Joseph von Spaun. Cantou o ciclo inteiro com a voz cheia de emoção e deixou-os “absolutamente estupefactos com o tom pesaroso e melancólico das canções”. O anfitrião, Franz von Schober, após a audição, disse que só tinha gostado de uma delas, “Der Lindenbaum” (“A lília”). Schubert disse-lhe: “espera, vais aprender a apreciá-las”. Segundo Spaun, tinha razão.

A viagem começa com o piano a definir o passo do protagonista à entrada na noite, “Gute Nacht”, e a despedida da casa da amada, apenas com a companhia da sua sombra projetada pela lua. Afirma: “Estrangeiro cheguei/Estrangeiro parti”. A maioria das canções faz menção aos elementos do inverno. A neve, o frio, a tempestade (“Der stürmische Morgen”), a escuridão, o vento gelado, as flores mortas, a erva sem cor (“Erstarrung”) ou a torrente impetuosa do rio onde o viajante procura a imagem do seu coração (“Auf dem Flusse”) são metáforas de tristeza e de angústia.

Müller enriquece a viagem com observações do protagonista ao longo do caminho; o vento que brinca com o cata-vento da casa da sua amada (“Die Wetterfahne”), a aldeia (“Im Dorfe”), com os seus sons e silêncios característicos: os cães que ladram, as pessoas que sonham, os sinais que vão indicando as localidades por onde vai

passando (“Der Wegweiser”) e aquele que lhe indicará o caminho do fim. O viajante está cansado, mas parar não o consola: “Rast” (“Repouso”) é uma marcha contínua. Ele atravessa a “vida alegre e feliz” (dos outros), apenas “como uma nuvem escura atravessando o céu claro”.

Surgem lembranças de paisagens primaveris: flores de muitas cores, verdes prados, o canto alegre dos pássaros, em “Frühlingstraum”, uma verdadeira visão romântica onde recorda (em sonhos) coisas positivas, mas rapidamente voltando à realidade. Um acorde e uma figuração inusitada no piano assinalam este regresso. O fogo e a luz, como oposição ao gelo, têm um papel importante como elementos ilusórios. O enganador fogo-fátuo de “Irrlicht”, o vão conforto das luzes dançantes de uma casa quente (“Täuschung”) ou o estranho “Die Nebensonnen”, onde o viajante é iludido por três sóis.

Inevitavelmente surgem também prenúncios de morte. O corvídeo (“Die Krähe”), que “saiu comigo da cidade/ e até hoje sem cessar/ voa à volta da minha cabeça” e as coroas funerárias em “Das Wirtshaus”.

Na perturbadora canção final, “Der Leiermann” (“O homem do realejo”), onde sobre um bordão em quinta, com uma dissonância insistente, uma melodia se repete, o protagonista compara-se com o miserável tocador de realejo, descalço no gelo, com cães a rosnar, tocando repetidamente uma música à qual ninguém presta atenção. Será ele a sua imagem futura?

SUSANA DUARTE

Maria João Pires

Maria João Pires nasceu em Lisboa em 1944. Tocou pela primeira vez em público aos quatro anos de idade. Foi aluna de piano de Campos Coelho, tendo estudado também com Francine Benoît. Prosseguiu a sua formação musical na Alemanha, com Rosl Schmid e Karl Engel. Como solista de concerto e em recital, tornou-se na mais célebre pianista portuguesa de sempre e uma das artistas mais destacadas internacionalmente. Para além dos concertos, gravou para a editora Erato ao longo de quinze anos e para a Deutsche Grammophon durante vinte anos.

Desde a década de 1970, tem-se dedicado a refletir sobre a influência da arte na vida, nas comunidades e na educação, tentando encontrar novas formas de afirmação desta linha de pensamento na sociedade. Procurou novas fórmulas que, respeitando o desenvolvimento dos indivíduos e das culturas, encorajam a partilha de ideias.

Em 1999 criou o Centro Belga para o Estudo das Artes em Portugal, lugar onde oferece regularmente *workshops* interdisciplinares para músicos profissionais e amadores, bem como concertos e gravações. No futuro, estes poderão ser partilhados com a comunidade digital internacional.

Em 2012, na Bélgica, iniciou dois projetos complementares: os *Partitura Choirs*, um projeto de coros infantis destinado a crianças oriundas de ambientes socialmente desfavorecidos como o *Hesperos Choir* e os *Partitura Workshops*. Todos estes projetos têm como objetivo criar uma dinâmica altruísta entre artistas de diferentes gerações, propondo uma alternativa a uma realidade demasiado focada na competitividade. Esta filosofia tem vindo a ser divulgada internacionalmente pelos projetos *Partitura*.

Matthias Goerne

O barítono alemão Matthias Goerne é reconhecido internacionalmente pelos seus desempenhos nos palcos de ópera, bem como em concertos, recitais e gravações. Apresenta-se regularmente na Metropolitan Opera de Nova Iorque, na Royal Opera House de Londres, no Teatro Real de Madrid, na Ópera Nacional de Paris, na Ópera da Baviera ou na Ópera de Viena. A escolha criteriosa do repertório permitiu-lhe construir um sólido conjunto de interpretações, as quais incluem personagens wagnerianos (Wolfram, Amfortas, Kurwenal ou Wotan) e papéis principais em *Wozzeck* de A. Berg, *O Castelo do Barba Azul* de B. Bartók ou *Lear* de A. Reimann.

A sua discografia foi distinguida com cinco nomeações para os *Grammy*, o prémio ICMA, o *Gramophone Award*, o *BBC Music Magazine Vocal Award*, o *Diapason d'Or* e o *ECHO Klassik*. Nos últimos anos, gravou *Lieder* de Beethoven, com Jan Lisiecki; canções de Wagner, R. Strauss e Pfitzner, com Seong-Jin Cho; canções de Berg, Schumann, Wolf, Chostakovitch e Brahms, com Daniil Trifonov; e *Schubert revisited*, com a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen e Florian Donderer. Em 2001, foi nomeado Membro Honorário da Royal Academy of Music, em Londres.

Para além de cumprir uma residência na Sinfónica de Xangai, em 2024/25 realiza digressões na Ásia, com Maria João Pires, e na Austrália, com Daniil Trifonov. Interpreta o Barba Azul, com Mikko Franck e a Orquestra Filarmónica Radio France, e *The Wound-Dresser*, de John Adams, com Marin Alsop. No Festival Mahler 2025, atuará no Concertgebouw de Amsterdão, com a Sinfónica NHK dirigida por Fabio Luisi. Outras apresentações incluem os *Monólogos de "Jedermann"*, de Frank Martin, com a Orquestra da Ópera da Baviera e Vladimir Jurowski, e *Wozzeck*, no Festival Internacional de Música de Hamburgo.

16 abr 25

QUARTA 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

17 abr 25

QUINTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Paixão segundo São Mateus

Coro e Orquestra Gulbenkian
Coro Infantil da Universidade de Lisboa

Luca Guglielmi Maestro

Johanna Zimmer Soprano

Diana Haller Meio-Soprano

Falco van Loon Tenor

Toby Spence Tenor

Florian Just Barítono

Hugo Oliveira Barítono

Johann Sebastian Bach



LUCA GUGLIELMI © MARCO BORGREVE

21 abr 25

SEGUNDA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Solistas da Orquestra Gulbenkian

Bin Chao Violino

Jorge Teixeira Violino

Lu Zheng Viola

Raquel Reis Violoncelo

Luís de Freitas Branco, Antonín Dvořák



© JORGE CARMONA

CARTÃO GULBENKIAN

**Para quem vive
a Gulbenkian.**

**Escolha o Cartão
mais adequado para si.**

Adesão online
em poucos minutos.

Conheça todos os benefícios.

CARTÃO
GULBENKIAN

CARTÃO
GULBENKIAN
MAIS

Gratuito

65€ / ano

Troca de pontos por ofertas especiais



Descontos etários mais vantajosos



Desconto de 10% em publicações



Compra de assinaturas para a Temporada Gulbenkian Música



Acesso a bilhetes família



Levantamento antecipado de bilhetes para eventos gratuitos

1 DIA ANTES

2 DIAS ANTES

Entrada gratuita no CAM e exposições



Acesso prioritário a exposições



Compra antecipada de bilhetes avulso



Programação exclusiva



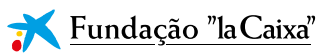
Desconto de 10% em artigos de loja



Saiba mais



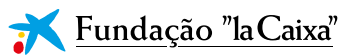
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

